

UNIVERSIDADE DO PORTO

REVISTA
DA
FACULDADE DE LETRAS

SÉRIE DE FILOSOFIA



N.ºs 15-16

SEGUNDA SÉRIE

1998-1999

PUBLICAÇÃO ANUAL

PROPRIEDADE: FACULDADE DE LETRAS
DA
UNIVERSIDADE DO PORTO

DIRECÇÃO: Presidente do Conselho Científico

REDACÇÃO: Faculdade de Letras do Porto — Secção de Filosofia
Apartado 55038
4150 PORTO CODEX
PORTUGAL

COORDENADOR: Luís de Araújo

TIRAGEM: 500 exemplares

INTERCÂMBIO: Revista da Faculdade de Letras - Série de Filosofia
Biblioteca central - Serviço de Publicações
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

DISTRIBUIÇÃO: Centro Leonardo Coimbra
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
4150 PORTO
PORTUGAL
Telef. 351- 226 077 173
Fax: 351 - 226 091 610

ISBN Nº 0871-1658

DEPÓSITO LEGAL Nº: 111693/97

Índice

Reflexões sobre a pedagogia para a era tecnológica5 por <i>Eduardo Abranches de Soveral</i>	5
Defender Kant contra Hegel23 por <i>António José de Brito</i>	23
O Político e o Filosófico no pensamento de Hannah Arendt 41 por <i>Maria José Cantista da Fonseca</i>	41
O Estatuto da Filosofia da Educação: especificidades e perplexidades59 por <i>Adalberto Dias de Carvalho</i>	59
O Princípio semiótico da Relatividade95 por <i>Adélio Melo</i>	95
As mil e uma histórias137 por <i>Lídia Cardoso Pires</i>	137
Anselmo e a astúcia da razão (concl.) 213 por <i>J. M. Costa Macedo</i>	213
Linguistas e Filósofos: maneiras de fazer teoria da mente ...327 por <i>Sofia Miguens</i>	327
Raúl Proença: um perfil do filósofo367 por <i>Celeste Natário</i>	367

Merleau-Ponty e Antonin Artaud: anotações para uma encenação comum	375
por <i>Bénédite Houart</i>	
Filosofia e Ensino Secundário em Portugal	391
por <i>Irene Ribeiro</i>	
A filosofia política, Joaquim de Carvalho e a liberal democracia	503
por <i>José Maurício de Carvalho</i>	
Para que toda a lei não seja apenas artifício da razão humana	521
por <i>Neiza Teixeira</i>	
O lugar do espectador em Courbet	533
por <i>José Fernando Guimarães</i>	
Recensões	561
Crónica	571
Revistas recebidas em permuta	579

**READING PARFIT, EDITED BY JONATHAN DANCY.
OXFORD. BLACKWELL. 1997. £45**

O livro de Derek Parfit, *Reasons and Persons*, de 1984, é considerado desde a sua publicação um marco incontornável na filosofia moral. Neste volume Jonathan Dancy reúne treze artigos de comentário a Parfit, distribuídos pelas vários problemas teóricos que a obra definitivamente colocou na agenda dos filósofos morais.

O livro foi pensado de modo a poder facilitar o estudo e o ensino do pensamento de Parfit, e os ensaios seguem a ordem de surgimento dos temas em *Reasons and Persons*, o qual se divide basicamente numa discussão de: 1. teorias da racionalidade, 2. teorias da identidade pessoal, 3. conclusões sobre como deveria ser a ética, levando em conta as teorias da racionalidade e da identidade pessoal antes discutidas. O ponto central de Parfit é que a ética deveria ser mais impessoal.

O plano inicial de Dancy para o livro previa a inclusão das respostas de Parfit aos ensaios, mas este plano veio a revelar-se irrealizável. O trabalho de Parfit em resposta aos seus comentadores tornou-se demasiado extenso para o projecto e virá a ser publicado sob a forma de três livros (*Practical Realism*, *The Metaphysics of the Self* e *on What Matters*) (Dancy, preface, viii).

O primeiro ensaio do livro, do próprio Jonathan Dancy, *Parfit and Indirectly Self Refuting Theories*, comenta o facto de Parfit considerar uma teoria da racionalidade e uma teoria do valor moral correntes, ou mesmo dominantes, indirectamente auto-derrotantes (*self-defeating*). Estas duas teorias são a teoria do interesse próprio, a teoria da racionalidade segundo a qual há um fim último supremamente racional (nomeadamente que, para cada pessoa, a sua vida decorra tão bem quanto possível), e o consequencialismo,

a teoria do valor moral segundo a qual há um fim moral último (nomeadamente que os resultados (*outcomes*) de uma acção sejam tao bons quanto possível). Diz-se que uma teoria é indirectamente auto-derrotante quando é verdade que se se tentar, nos seus termos, alcançar as finalidades propostas, estas serão pior prosseguidas. Este é o caso da teoria do interesse próprio (o que significa que para Parfit há casos em que seria mais racional sermos irracionais) e do consequencialismo (o que significa que para Parfit seria globalmente pior que fossemos todos “fazedores de bem” (*do-gooders*) do que se formos outros motivos). Parfit argumenta que embora seja este o caso com as teorias em causa, elas não por isso refutadas. Dancy defende que se trata realmente de uma auto-refutação.

O ensaio de David Gauthier, *Rationality and Rational Aim*, põe em causa a descrição da racionalidade feita por Parfit. Se Parfit tivesse razão “a racionalidade seria frequentemente uma maldição, da qual eu tentaria, racionalmente, libertar-me, adoptando disposições irracionais que me motivariam a cometer acções irracionais de modo a que pudesse melhor atingir os meus fins racionais. Mas talvez a maldição seja a teoria de Parfit,” (p.40).

O ensaio de Frank Jackson, *Which Effects?*, parte da discussão do capítulo 3 da primeira parte de *Reasons and Persons*, intitulado “Five Mistakes in Moral Mathematics”. Jackson argumenta contra os consequencialistas, que julgam o valor moral das acções pelos efeitos destas.

O ensaio de Michael Stocker, *Parfit and the Time of Value*, discute a racionalidade das preferências baseadas no tempo. Grande parte das nossas categorias e raciocínios morais são temporalizadas, na medida em que por exemplo diferentes prazeres e virtudes são julgados adequados a diferentes períodos da vida (como a infância ou a velhice), na medida em que preferimos que uma grande dor que deva ser experimentada por nós seja passada do que seja futura, ou na medida em que nos preocupamos menos com o nosso futuro muito distante do que com o nosso futuro imediato. Parfit sente-se atraído pela neutralidade temporal, e acha que estaríamos melhor se agíssemos como se fossemos intemporais (*timeless*), Stocker discute essa posição.

Philip Petit e Michael Smith discutem em *Parfit's P* a teoria da racionalidade que Parfit se inclina a defender, a teoria “P”, que é apresentada como uma teoria acerca daquilo que um agente tem mais razões para fazer, como uma teoria da racionalidade objectiva

portanto, por contraste com a teoria da decisão, que representa a ortodoxia na teorização (filosófica, económica, etc) da racionalidade, e que apresenta esta em termos de racionalidade subjectiva.

O ensaio de David Brink, *Rational Egoism and the Separateness of Persons* visa a interacção da teoria da racionalidade com as nossas ideias sobre a natureza de pessoas, nomeadamente o compromisso das teorias do egoísmo racional com a visão de pessoas como entidades determinadas e separadas - determinação e separação estas que Parfit contesta. Como se sabe, já Henry Sidgwick evocava o carácter "metafisicamente separado" das pessoas (*the separateness of persons*) para justificar a incontornabilidade do egoísmo nas questões morais. Entidades assim separadas não poderiam ser naturalmente de uma benevolência racional, nem suficientemente "distributivas" nas suas acções. O problema é saber o que acontece a esta ligação entre egoísmo e separação das pessoas quando uma visão humeana, lockeana, reducionista, da identidade pessoal como é a de Parfit mina os fundamentos da "separação das pessoas". Sidney Shoemaker escreve sobre *Parfit on Identity*, i.e., sobre a visão reducionista da identidade pessoal defendida por Parfit: segundo Parfit a Identidade Pessoal poderia ser descrita impessoalmente, como conectividade psicológica e não como "um facto a mais". cco que importa" (*what matters*) não seria então a identidade pessoal mas esta conectividade.

Mark Johnston escreve sobre *Human Concerns Without Superlative Selves*, i.e., sobre o facto de uma existência continuada ou sobrevivência, que é normalmente considerada importante e racionalmente desejada, não importar assim tanto dada a visão reducionista da identidade pessoal.

Simon Blackburn interroga-se: *Has Kant refuted Parfit?*. Fá-lo porque Parfit apresenta uma renovada teoria humeana do feixe de percepções e Kant é suposto ter superado algumas posições humeanas.

Judith Jarvis Thomson, em *People and their Bodies* analisa a tese segundo a qual as pessoas não são identificáveis com os seus corpos e os argumentos de Parfit quanto a este tema. De acordo com os critérios lockeanos, segundo os quais para existir uma pessoa se requer um ser inteligente e pensante, consciente num instante *t*, nada pode ser ao mesmo tempo "morto" e uma "pessoa". É preciso saber então o que determina a existencia de uma pessoa. John McDowell, em *Reductionism and the First Person* retoma também os motivos lockeanos de Parfit e a maneira como estes o fazem diminuir o peso

da identidade pessoal na teoria moral. Em ambos, trata-se de saber exactamente o que queremos quando queremos sobreviver (continuar a viver), ou o que nos faria ficar satisfeitos (i.e., o que nos faria considerar que tínhamos sobrevivido como a mesma pessoa).

Em "*Should Ethics be more Impersonal?*" Robert Merrihew Adams dirige-se directamente a uma das conclusões do livro de Parfit, segundo a qual as nossas razões para agirmos deveriam tornar-se mais impessoais e isso seria melhor para todos. Larry Temkin, em *Rethinking the Good, Moral Ideals and Nature of Practical Reasoning*, retoma os temas da quarta parte de *Reasons and Persons*, a parte intitulada "Future Generations". Temkin avalia os argumentos de Parfit quanto à resposta à questão "quantas pessoas mais será racional que existam?" e analisa a "conclusão repugnante", cuja consideração é central para Parfit, a qual se enuncia afirmando que para qualquer população possível de pelo menos 10 biliões de pessoas com alta qualidade de vida haverá uma população possível muito maior, cuja existência seria melhor, embora os membros dessa população tenham vidas que mal merecem ser vividas.

Esta colecção de ensaios pode auxiliar a organização da leitura do texto de Parfit, que é frequentemente hiper-minucioso e labiríntico na sua argumentação, através da consideração directa dos tópicos por ele definidos para a discussão moral em filosofia.

Sofia Miguens